

A VARIAÇÃO DOS VERBOS EXISTENCIAIS *HVER* E *TER* EM SITUAÇÕES DE ALTO GRAU DE MONITORAMENTO ESTILÍSTICO COM DADOS DO FALAR CULTO DOS FORTALEZENSES

THE VARIATION OF THE EXISTENTIAL VERBS *HVER* AND *TER* IN SITUATIONS OF HIGH DEGREE OF STYLISTIC MONITORING WITH DATA FROM FORTALEZENSES' FORMAL SPEECH

Rakel Beserra de Macedo Viana*
rakelbeserra@gmail.com

Aluíza Alves de Araújo**
aluizazinha@hotmail.com

Com base na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, analisamos a atuação de fatores linguísticos e sociais sobre a variação dos verbos existenciais *haver* e *ter* em entrevistas do tipo Elocução Formal oriundas do banco de dados do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT Fase I. Para tanto, coletamos dados da fala de 15 indivíduos, a fim de analisarmos, dentre 12 variáveis linguísticas e extralinguísticas, quais são relevantes para a variação em pauta. Os resultados da análise estatística revelaram que, de 523 dados, 192 dados são do verbo *haver* (29,1%) e 331 do verbo *ter* (50,2%). Os grupos de fatores relevantes para a análise foram, nessa ordem de importância: Concordância entre o verbo e o SN, Sexo, Faixa etária, Tempo e modo verbal e Presença de elementos à esquerda do verbo.

Palavras-chave: verbos existenciais; sociolinguística variacionista; falar culto; elocução formal; Fortaleza-CE.

Based on the perspective of Variacionist Sociolinguistics, we analyzed the performance of linguistic and social factors on the variation of the existential verbs *haver* and *ter* in interviews of the Formal Elocution type from the data base of the Projeto Português Oral Culto de Fortaleza - PORCUFORT Fase I. To this end, we collected speech data from 15 individuals in order to analyze, among 12 linguistic and extralinguistic variables, which are relevant for the variation in question. The results of the statistical analysis revealed that, out of 523 data, 192 data are from the verb *there to be* (29.1%) and 331 from the verb *have* (50.2%). The groups of relevant factors for the analysis were, in this order of importance: Agreement between the verb and SN, Gender, Age, Tense and verb mode, and Presence of elements to the left of the verb.

Keywords: existential verbs; sociolinguistic variacionist; cultured speech; formal elocution; Fortaleza-CE.

* Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará – UECE. ORCID: 0000-0001-6565-7730.

** Universidade Estadual do Ceará - UECE. ORCID: 0000-0003-2166-0852.

1. Introdução

Neste texto, o fenômeno linguístico que pretendemos estudar é a variação contida entre os verbos *haver* e *ter* em contextos de existência. Para isso, buscamos uma amostra de fala culta da cidade de Fortaleza-CE, em entrevistas que apresentam alto grau de monitoramento da fala.

Sabemos que muitos bancos de dados sociolinguísticos, linguísticos e dialetológicos de fala no Brasil possuem dados que variam quanto ao grau de monitoramento estilístico quando do emprego de técnicas de gravação de entrevistas que enfatizem a atenção à fala. Um desses *corpora* é o PORCUFORT, Projeto descrição do Português Oral Culto de Fortaleza (Araújo 2000; Araújo, Viana & Pereira 2018), composto por gravações que incluem de um menor a um maior nível de atenção à fala, como o que estudamos nesta pesquisa: as gravações do tipo elocução formal.

Partindo desse tipo de dado, analisaremos *haver* e *ter* enquanto verbos plenos, onde possamos usá-los intercambiavelmente para referirmo-nos à existência. De todo modo, mesmo sendo sabedores que o verbo *ter existencial* não é reconhecido pela gramática normativa, como por exemplo, em Barbosa (1882), Cunha e Cintra (2010) e Bechara (2009), as gramáticas descritivas apresentam o verbo *ter* como um dos “verbos que ‘preferem’ ocorrer sem sujeito”, e elenca: “verbos de apresentação de existência: *ter*, *haver*” (Perini 2013, p. 79, destaques do autor).

Sobre *haver*, Perini (2013) ainda diz que “*Haver* ocorre raramente, em geral no contexto de linguagem cuidada; *ter* é a forma normal. À parte disso, *ter* e *haver* são sinônimos e aparecem tipicamente na construção *de apresentação de existência* [...]” (Perini 2013, p. 79, destaques do autor). Bagno (2011) defende, também, o verbo *ter* como existencial, apontando-o como o mais usado entre os falantes brasileiros e o coloca, ainda, dentre sete verbos existenciais, como: *ser*, *ter*, *haver*, *existir*, *fazer*, *estar*, *tratar-se de*.

Conheçamos melhor esse fenômeno, a partir das ocorrências 1 e 2, dados de alto grau de monitoramento estilístico, retiradas de nossa amostra, onde os verbos estão destacados.

- (1) “aqui no Ceará... hoje não hoje já *tem* missa de sétimo DIA já se enterra em cemitério... que antigamente isso era proibido...” (PORCUFORT, EF, 19)
- (2) “então:: MESmo que *houve* Realismo... mesmo *havendo* Realismo... ESSE:: esse Realismo que vinha digamos assim MOSTRAR a realidade da sociedade...” (PORCUFORT, EF, 36)

Vários estudos já se debruçaram sobre o tema em questão (Araújo, Viana & Pereira 2019; Batista 2012; Berlinck, Duarte & Oliveira 2015; Callou & Avelar 2000; Dutra 2000; Martins & Callou 2003; Oliveira 2014; Oliveira 2017; Ribeiro, Soares & Lacerda 2013;

Silva, 2001; Souza, Araújo & Pereira 2020; Viana 2020; Viana & Araújo 2019, 2020; Vitória 2012, 2013), contudo, verificamos uma lacuna, quanto a análises mais aprofundadas sobre o fenômeno em dados de pessoas cultas e em situações de alto grau de monitoramento da fala.

Além desses estudos supracitados serem base para o estudo da variação dos verbos existenciais e base de nossa revisão de literatura, são ponto de partida, também, para as hipóteses sobre esta análise. Assim sendo, nossas hipóteses são que (i) a ocorrência geral seja maior para o verbo *ter*; (ii) os tempos verbais do presente favorecem *ter* enquanto que os tempos do passado beneficiam *haver*; (iii) a presença de elementos à esquerda do verbo venha a favorecer *haver*; (iv) a presença de modalizador condiciona o verbo *ter*; (v) o sexo masculino seja aliado de *ter*, enquanto que o feminino favoreça *haver*; (vi) o fator concordância V singular → SN plural favorece *haver*; (vii) que o SN posposto também beneficia *haver*; e, (viii) que, entre *haver* e *ter*, tenhamos indícios de um processo de mudança linguística, onde *ter* suplante *haver*.

Verificamos, pois, que diversas pesquisas têm examinado a variação dos existenciais no vernáculo de várias comunidades de fala, e, até, fazendo contraposição entre graus de monitoramento estilístico como em Berlinck *et al.* (2015) e Dutra (2000), mas nada, ainda, analisando dados retirados especificamente de fala em um grau de monitoramento estilístico mais elevado. Dessa maneira, observaremos mais detidamente em nosso estado da arte, as pesquisas de Berlinck *et al.* (2015) e Dutra (2000), pois tratam de fala culta e trazem o estudo dos verbos existenciais com dados em um nível de monitoramento estilístico tal qual o desta análise.

Dividido em seis seções, este trabalho contém, além desta Introdução, uma seção breve sobre os Pressupostos básicos do arcabouço teórico-metodológico da teoria da variação e mudança linguística; uma terceira seção que trata do *estado da arte*, na qual descrevemos, brevemente, alguns estudos elencados para que sejam traçados paralelos junto a nossas análises; os Procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa, que vêm em seção subsequente e precedem a seção de Análise dos resultados; por fim, tecemos algumas Considerações finais e apresentamos as Referências utilizadas neste estudo.

2. Teoria da variação e Mudança Linguística

Um dos pressupostos da sociolinguística variacionista é a análise de fenômenos linguísticos a partir do vernáculo de indivíduos de uma determinada comunidade de fala. O vernáculo, nada mais é que a língua que usamos em casa, com nossos familiares ou amigos chegados; é a fala frequente em ambientes descontraídos como bares, clubes, parques, círculos de amizade, assim como em corredores e pátios das escolas, longe de professores ou pessoas menos íntimas, ou ainda, longe de pessoas que exijam formalidade (Tarallo 1990).

É no vernáculo que muitos fenômenos linguísticos emergem devido ao seu baixíssimo grau de atenção à fala, o que favorece o surgimento de variantes inovadoras da língua. Contudo, Labov (2008) julgou necessárias outras formas de analisar a língua da comunidade de Martha's Vineyard na década de 1960, por exemplo, quando pesquisou sobre os ditongos orais em variação. De tal modo, sua metodologia inclui a possibilidade

de analisar diferentes níveis de monitoramento estilístico, desde o menor ao maior deles, como a leitura de lista de pares de palavras, leitura em voz alta, etc.

Como nos falam Cesário e Votre (2001), o pesquisador sociolinguista tem seu interesse em qualquer manifestação verbal e em quaisquer variedades de uma determinada língua, ou seja, os objetivos do linguista são compreender quais as variáveis ou os fatores que influenciam a variação linguística, assim como, verificar qual o papel de cada um deles dentro de um fenômeno variável. A pesquisa sociolinguística, portanto, procura examinar o nível de evolução de uma dada variação, desde quando ela permanece estável, até a fase em que ela se encaminha para uma mudança linguística. Como Labov (2008) afirma, a variação linguística não é livre ou aleatória, mas sim, um fenômeno cultural que é necessariamente motivado por fatores linguísticos e extralinguísticos diversos.

Dessa forma, Tagliamonte (2006) nos explica, ainda, que

A essência da sociolinguística variacionista depende de três fatos sobre a língua que são ignorados frequentemente no campo da Linguística. O primeiro, a noção de “heterogeneidade ordenada” (LABOV et. al., 1968, p. 100), à qual Labov (1982, p. 17) se refere como heterogeneidade “normal”; o segundo, o fato de que a língua muda continuamente; e o terceiro, que a língua transmite mais do que simplesmente o significado de suas palavras.¹ (Tagliamonte 2006, pp. 5–6, aspas da autora, tradução nossa)

Tagliamonte (2006) sintetiza o que preconizam Weinreich, Labov e Herzog (2008): a língua é, antes de mais nada, heterogênea e ordenada e compreensível e inata a todos os seus indivíduos nativos. Além disso, nem toda variação e nem toda heterogeneidade estrutural implicam diretamente em uma mudança linguística, mas, toda mudança linguística implica uma variação e heterogeneidade anteriores. A mudança linguística não é uniforme nem instantânea, ela ocorre nas gramáticas internas da comunidade de fala e é transmitida de dentro desta mesma comunidade de fala como um todo, não sendo uma mudança em uma determinada família de indivíduos da comunidade, por exemplo. A mudança linguística nos apresenta, inclusive, fatores sociais (extralinguísticos) e linguísticos (estruturais) como profundamente inter-relacionados a cada processo de variação e/ou mudança na língua.

Outras considerações necessárias sobre questões extralinguísticas na variação da língua estão relacionadas aos papéis sociais oriundos da classe social, da escolarização e do sexo. Há, como sabemos, uma intrínseca ligação entre pessoas de classes mais altas e de maiores níveis de escolaridade. Em resumo, quanto maior o nível social, maior o nível de escolaridade. Essa ligação representa, na variação linguística, como aponta a literatura da área, uma maior frequência de uso das formas de prestígio, das formas mais próximas da norma padrão da língua. Em contraponto, pessoas de classes sociais inferiores estão também relacionadas ao nível de escolarização, mas aos menores níveis, portanto, quanto menor o nível social, menor a frequência aos bancos escolares. Assim, esses indivíduos

¹ No original: “The essence of variationist Sociolinguistics depends on three facts about language that are often ignored in the field of Linguistics. First, the notion of “orderly” heterogeneity (LABOV *et al.*, 1968, p. 100), as Labov (1982, p. 17) refers to as “normal” heterogeneity; second, the fact that language changes perpetually; and third, that language conveys more than simply the meaning of its words.”

tendem, diferentemente dos anteriores, a um maior uso de formas desprestigiadas, estigmatizadas, ou seja, das formas inovadoras da língua, que vão, em grande parte, de encontro à norma padrão da língua.

Diante disso, Labov (1982) nos esclarece que os processos de variação linguística conduzidos pela classe alta indicam um caso de variação estável, ao passo que os processos de variação da língua conduzidos por pessoas mais próximas às classes mais baixas da sociedade, ou ainda, de classes trabalhadoras, tendem a configurarem-se em processos de mudança linguística.

No tocante à variável sexo, Labov (2008) também verificou que as mulheres tendem a ser mais sensíveis ao uso das variantes de prestígio em situações de variação estável, tendência que pode ser medida em ocasiões de fala mais formais; já os homens, tendem a liderar o uso das variáveis desprestigiadas, conduzindo mudanças em direção às formas inovadoras, enquanto as mulheres conduzem as mudanças em direção às formas de prestígio. Nesse sentido, Chambers e Trudgill (1980, p. 86) nos dizem que é “o comportamento linguístico das mulheres que reflete uma mudança em seus valores e atitudes e que podemos esperar ver repetido em muitas outras comunidades linguísticas.”², pois “Os homens, por outro lado, parecem, em algum nível de consciência, estar mais favoravelmente dispostos do que as mulheres a formas de discurso de baixo status.”³ (Chambers & Trudgill 1980, p. 85). Dessa maneira, os homens estão mais propensos a liderarem mudanças de formas estigmatizadas enquanto que as mulheres podem liderar mudanças de formas mais prestigiosas.

Destarte, toda pesquisa sociolinguística procura descobrir as tendências de uma variação, em busca, ou não, de uma futura mudança. Em estudos como o nosso, de *tempo aparente*, ou seja, de forma sincrônica, podemos verificar o curso da variação através da atuação das faixas etárias dos informantes quando, segundo Chambers e Trudgill (1980), as faixas intermediárias apresentariam a maior frequência de uso das formas de prestígio, apresentando uma variação estável. Em relação à mudança em progresso, os mais jovens apresentariam uma maior frequência de uso das formas inovadoras e os adultos, ou mais velhos, exibiriam menores frequências das formas inovadoras.

Sendo assim, acreditamos haver explanado, de forma breve, alguns pressupostos teóricos básicos da sociolinguística laboviana, apresentando ao leitor as principais noções de variáveis, variação, e mudança linguística. Na seção a seguir, cotejamos resultados de alguns estudos elencados como revisão de literatura ou, estado da arte.

3. Os verbos existenciais e o monitoramento estilístico

Como dissemos na introdução, selecionamos duas pesquisas para cotejar os dados que, mais próximos dos nossos, consideram o falar culto do português brasileiro (PB), assim

² No original: “the linguistic behavior of women which reflects a change in their values and attitudes and which we may expect to see repeated in many other linguistic communities.”

³ No original: “Men, on the other hand, appear at some level of awareness to be more favorably disposed than women to low-status speech forms.”

como utilizam dados de elocuições formais para analisar a variação entre verbos existenciais. Vejamos, portanto, os estudos de Dutra (2000) e Berlinck *et al.* (2015).

A primeira pesquisa estudada por nós é a de Dutra (2000) que analisou os verbos *ter* e *haver* com dados do Projeto Norma Urbana Oral Culta – NURC, referentes a fala culta da cidade de Salvador-BA. Composta por 32 informantes, a amostra é estratificada em dois gêneros (masculino e feminino), quatro faixas etárias (F1 – 25 a 35 anos; F2 – 36 a 45 anos; F3 – 46 a 55 anos; F4 – acima de 56 anos) e dois tipos de registro (Diálogo entre Informante e Documentador - DID e Elocuições Formais - EF). Com a ajuda do pacote de programas Varbrul, a autora contabilizou um total de 781 ocorrências, no qual 484 delas são de dados de *ter* (61,9%) e 297 de *haver* (38,1%). Separando os dados por tipos de registro, os DID apresentaram 491 dados, enquanto os EF 290. Embora tenha sido utilizado um programa estatístico, a pesquisa não apresenta pesos relativos, apresentando apenas as frequências.

Com 10 variáveis verificadas (Faixa etária; Gênero; Tipo de registro; Animacidade; Natureza do objeto; Flexão de número; Tempo e modo verbal; Posição do objeto; Tipo de oração; Constituição do SN objeto), a autora chegou aos seguintes resultados: em relação à Faixa etária, as faixas 1, 2 e 4 são mais produtivas com o verbo *ter* obtendo, respectivamente, 71,4%, 73,1% e 64,8%, quanto à faixa etária 3, o verbo *haver* predomina com 57,6% das ocorrências. Na variável Gênero, o verbo *ter* contabiliza 70% das ocorrências com as mulheres, enquanto *haver* possui 45,4% de ocorrências para os homens. O Tipo de registro apresentou, para o tipo de inquérito DID, 76,5% de *ter* e 23,5% do verbo *haver*; já no EF, vemos uma inversão: enquanto *ter* obteve 37,3% de ocorrências, *haver* obteve 62,7%, nos mostrando que, quanto mais formal o registro, maior uso de *haver*.

Passando para as variáveis linguísticas, a variável Animacidade apresentou no verbo *haver*, 41,8% de frequência com o traço [– animado], já *ter* possui as maiores frequências totais, sendo 83% para o traço [+animado] e 58,2% para [– animado]. A variável Natureza do objeto verificou, com o traço abstrato, 35,1% de ocorrências do verbo *ter*, enquanto 64,9% foi de *haver*, e, como esperado, no traço concreto, *ter* obteve 74,7% de ocorrências e *haver* obteve 25,3%. Com relação à variável Flexão de número do SN ou objeto, ambos os fatores singular e plural obtiveram as maiores ocorrências com o verbo *ter* (61,1%, 64,3% respectivamente); já para *haver*, as frequências são reduzidas, sendo 38,1% e 35,7% na sequência. No Tempo e modo verbal, a autora considerou a análise em separado nos tipos de registro.

Nas entrevistas DID, *ter* apresenta 81,7% das ocorrências no presente do indicativo, 72% no infinitivo e 66,6% no imperfeito do indicativo, já os tempos futuro do pretérito, futuro do indicativo, imperfeito do subjuntivo e futuro do subjuntivo não apresentaram ocorrências. O verbo *haver* predominou no pretérito perfeito do indicativo (58,3%) e no presente do subjuntivo (66,6%). Nos registros EF, *haver* se destaca em todos os modos e tempos verbais, sendo bastante significativo no futuro do presente (87,5%), no pretérito perfeito do indicativo (83,3%), no infinitivo (83,3%) e no pretérito imperfeito do indicativo (73,5%).

As variáveis Posição do objeto, Tipo de oração e Constituição do SN objeto são os últimos grupos de fatores analisados por Dutra (2000). No grupo de fatores posição do

objeto, *ter* obteve 61,6% de ocorrências pospostas e 69,9% de ocorrências antepostas, ou seja, as maiores frequências; já com *haver*, as frequências são menores para os fatores objeto posposto e anteposto (38,4% e 30,1%, nessa ordem). Quanto ao Tipo de oração, o verbo *ter* possui maiores frequências em orações absolutas (80,9%) e em coordenadas assindéticas (71,2%), embora os maiores índices nas orações subordinadas adverbiais (77,5%) e substantivas (57,8%) sejam de *haver*. No fim, a Constituição do SN objeto apresentou as maiores frequências de tipos de SN para o verbo *ter*: foram 85,7% de *pro* e 82,7% de *pro*+{SA/SP/S}, enquanto que as frequências de *haver* foram 94,1% de SN = DET+N+SA+SP e 71,4% de N+SA.⁴

O texto de Berlinck *et al.* (2015) trata de um capítulo sobre predicação⁵, sob a perspectiva descritiva, analisando o sujeito pronominal e suas realizações, trazendo uma análise com verbos existenciais *ter* e *haver*. Na análise, as autoras se valem de 15 inquéritos do *corpus* do NURC estratificados em capitais: Recife-PE, Salvador-BA, São Paulo-SP, Rio de Janeiro-RJ e Porto Alegre-RS e fazem “uso parcial da metodologia da variação na fase da pesquisa” (Kato & Nascimento 2015, p. 13) o que, ainda segundo os autores, “permite, contudo, chegar a algumas generalizações empíricas sobre seu funcionamento” (2015, p. 13) e baseando-se na teoria dos princípios e parâmetros para estudar o objeto principal. Quanto aos dados para as ocorrências existenciais, as frequências gerais encontradas são de 31% de *haver* e 69% de *ter*.

Berlinck *et al.* (2015) analisaram, apenas com frequências, somente duas variáveis sociais tipo de registro (DID - Diálogo entre Informante e Documentador, D2 Diálogo entre Dois Informantes e EF-Elocução Formal) e localidade (as capitais Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre). Quanto ao tipo de registro, o verbo *haver* obteve 59% de frequência nos EF, a maior frequência, seguida de 34% para os DID e 10% para os D2. Já o verbo *ter* apresentou o caminho inverso quanto às frequências: obteve 41% de ocorrências nos EF, seguido de 66% nos DID e 90% de frequências nos inquéritos D2. Mais uma vez, os dados seguem a tendência de que quanto maior o grau de formalidade, maior o uso de *haver*. No grupo de fatores localidade, *ter* obteve a absoluta maioria de frequências, sendo 51% em Recife-PE, 66% em São Paulo-SP, 70% no Rio de Janeiro-RJ, 74% em Porto Alegre-RS e 78% em Salvador-BA. Dessa forma, embora a grande maioria dos dados encontrados seja para a variante *ter*, o registro EF e a capital Recife-PE são os fatores que apresentam maiores frequências de dados para a variante *haver*.

Após essa síntese, veremos, na seção que segue, os procedimentos metodológicos adotados para a análise estatística e linguística em nosso estudo sobre os verbos *haver* e *ter* em dados de elocuições formais no PORCUFORT Fase I.

⁴ Legenda: SN – sintagma nominal; *pro* – pronome; SA – sintagma adjetival; SP – sintagma preposicional; S – sentença; DET – determinante; N – nome.

⁵ Capítulo de livro sobre a relação sujeito-predicado, na Gramática do Português culto falado no Brasil, v. 3. Os autores se utilizam de dados do *corpus* do Projeto NURC, apresentando apenas frequências e com estratificação bastante restrita; insistimos em mitigar os resultados desse texto, devido caracterizar-se como um estudo que use a metodologia variacionista, mesmo que a análise se pautar na teoria dos princípios e parâmetros.

4. Procedimentos metodológicos

A Teoria da Variação e Mudança Linguística se constitui, como já sabemos, de rigorosa metodologia atrelada ao seu aporte teórico. Dessa forma, todas as análises linguísticas partem de uma amostra de fala, para a coleta dos dados referentes a um fenômeno específico em estudo, passando para a codificação destes dados, seguindo para a análise estatística em programas computacionais e finalizando com a análise linguística dos resultados obtidos. São esses procedimentos que descrevemos nesta seção.

Para a realização desta pesquisa, utilizamos uma amostra contida no *corpus* do Projeto Português Oral Culto de Fortaleza – PORCUFORT Fase I, constituído na Universidade Estadual do Ceará – UECE e coordenado pelo Prof. Dr. José Lemos Monteiro na década de 1990. O referido banco de dados é, atualmente, composto de 67 entrevistas sociolinguísticas, com três tipos de registro (D2 - Diálogo entre Dois Informantes, DID - Diálogo entre Informante e Documentador e EF - Elocução Formal), dois sexos biológicos (masculino e feminino) e três faixas etárias (22 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 anos em diante) (Araújo *et al.* 2018).

Deste *database*, selecionamos 15 inquéritos referentes ao tipo de registro EF, estratificados nas seguintes faixas etárias: faixa etária I (22 a 35 anos), II (36 a 50 anos) e III (51 anos em diante)⁶, sexo: masculino e feminino. Vejamos, visualmente, a estratificação social de nossa amostra com base na Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos informantes por sexo e faixa etária na amostra analisada.

		SEXO	
		MASCULINO	FEMININO
Faixa etária	I (22-35)	3	3
	II (36-50)	3	2
	III (51 em diante)	3	1
Total		15	

Com a amostra definida, elencamos para a análise linguística, com a ajuda dos estudos prévios sobre a variação em estudo, 11 grupos de fatores, entre linguísticos e extralinguísticos, a saber: Concordância entre o verbo e o SN, Peso do SN, Posição do SN, Preenchimento de elementos à esquerda do verbo, Presença de modalizador, Repetição do verbo no mesmo enunciado, Tempo e modo verbal, Tipo de oração e Traço semântico do SN, como variáveis linguísticas. e Faixa etária e Sexo⁷ como variáveis extralinguísticas.

Dando continuidade aos procedimentos metodológicos, realizamos a coleta de dados através da audição dos inquéritos e leitura atenta das transcrições dos mesmos, para

⁶ Foi necessária a alteração das faixas etárias originais do projeto para que pudéssemos homogeneizar o máximo possível as células sociais da amostra. Dessa forma, com a alteração das faixas etárias, conseguimos acomodar um informante na célula EFFIII, até então vazia, de acordo com as faixas originais do banco de dados, passando a conter, em nossa amostra, um informante.

⁷ Importante lembrar o leitor de que utilizamos a palavra *sexo* para designar, unicamente, o traço biológico dos informantes, de acordo com o que já está pré-estabelecido no banco de dados. Ver Araújo *et al.* (2018).

identificação das ocorrências de sentenças existenciais e coleta dos verbos e seus contextos. Posteriormente, codificamos cada ocorrência/dado, a partir de uma chave de codificação alfanumérica previamente elaborada com as variáveis propostas, e submetemos os dados à análise estatística com a ajuda do programa estatístico Goldvarb X (Sankoff, Tagliamonte & Smith 2005). O Goldvarb X é um programa estatístico de análises multivariadas (Scherre 1993), que nos fornece, além da quantificação de ocorrências e frequências dos dados, quais as variáveis e fatores que favorecem ou não a regra de aplicação.

Na análise estatística, realizamos procedimentos que pudessem gerar os pesos relativos (PR), valor que indica o quanto um determinado fator pode interferir na aplicação da regra em análise ou, grosso modo, a probabilidade de uma variante ou outra ocorrer na fala, sob a influência de um fator analisado, seja ele linguístico ou extralinguístico. Dessa forma, o “peso de um fator [...] indica o efeito deste fator sobre o uso da variante investigada neste conjunto” (Guy & Zilles 2007, p. 239).

Dessa maneira, apresentamos, na seção a seguir, a análise estatística que nos fornecerá as ocorrências e frequências, assim como as variáveis favorecedoras das variantes testadas.

5. Análise e discussão dos resultados

Obtivemos, nesta análise inicial dos dados, 523 ocorrências equivalentes a 192 dados do verbo *haver* (36,7%) e 331 para o verbo *ter* (63,3%). O Gráfico 1 apresenta-nos as frequências das variantes em questão.

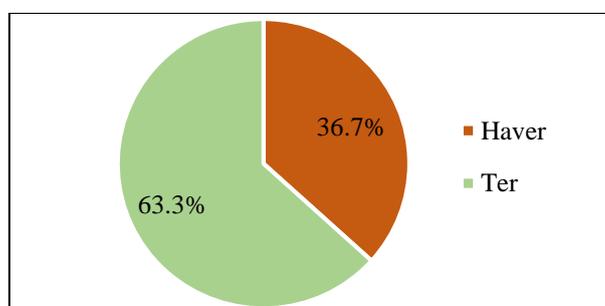


Gráfico 1. Frequências das variantes *haver* e *ter*.

Fonte: elaborado pelas autoras.

Temos, portanto, uma frequência de ocorrências de *haver* na fala fortalezense superior à frequência em outros estudos realizados com distintas variedades linguísticas brasileiras, como os estudos de Berlinck *et al.* (2015), quando analisa os inquéritos D2, DID e EF conjuntamente (31% de dados de *haver*), de Callou e Avelar (2000), com dados do NURC-RJ na década de 1970 e 1990 reunidos (31% de *haver* no total geral), dos estudos de Araújo *et al.* (2019) dados também do PORCUFORT-FOR, mas apenas com 18 informantes dos inquéritos de D2 (19%), e de Viana e Araújo (2020), com a ampliação da pesquisa anterior, passando de 18 para 50 informantes (20%).

Esses resultados prévios observados à luz da sociolinguística variacionista nos direcionam a perceber as características sociais que estão intrínsecas na linguagem: a comunidade de fala da cidade de Fortaleza-CE, na década de 1990.

A comunidade de fala representada na amostra é composta por 15 informantes em exercício da docência no momento da gravação e professores por profissão. Podemos, ainda, verificar que, desse total de indivíduos, 06 falantes são licenciados em Letras, o que diretamente beneficia as variantes de prestígio, pois esses indivíduos são estudiosos da língua e detentores da norma padrão, portanto, indivíduos potencialmente mais conservadores quanto ao uso da norma, especialmente em situação de alto monitoramento estilístico, como é o caso dos EF, confirmando nossa tese de que o alto monitoramento estilístico resulta em uma alta frequência de uso das variantes padrão.

O Gráfico 2 pôde nos revelar alguns dados interessantes que se fazem necessários trazer nesta pesquisa, realizando um paralelo entre os estudos que analisam os verbos *haver* e *ter* em bancos de dados de fala culta, com dados apenas de EF ou com dados de outros tipos de registro.

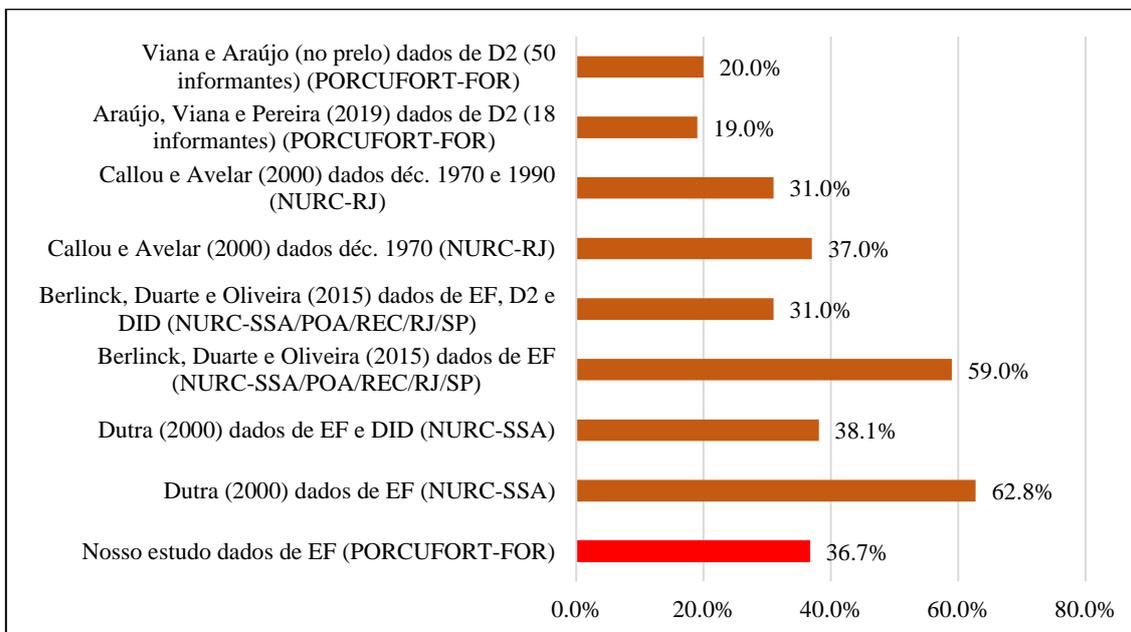


Gráfico 2. Frequência de *haver* em estudos com o PB culto⁸ e o nosso.

No Gráfico 2, não temos a pretensão de comparar dados, já que partimos de inquéritos distintos, em regiões diferentes e em contextos também diversos, simplesmente buscamos mostrar o comportamento do fenômeno analisado aqui em distintas variedades linguísticas e amostras. Assim, no Gráfico 2, visualizamos 09 pesquisas que analisam a variação dos verbos existenciais onde o verbo *haver* está em destaque. Cada uma destas pesquisas têm em comum serem provenientes de dados de fala culta do PB, com

⁸ Legenda: PORCUFORT-FOR – Banco de dados PORCUFORT, dados da cidade de Fortaleza-CE; NURC-RJ – Banco de dados NURC, dados da cidade do Rio de Janeiro-RJ; NURC-SP – Banco de dados NURC, dados da cidade de São Paulo-SP; NURC-SSA – Banco de dados NURC, dados da cidade de Salvador-BA; NURC-REC – Banco de dados NURC, dados da cidade de Recife-PE; NURC-POA – Banco de dados NURC, dados da cidade de Porto Alegre-RS.

essencialmente, dois *corpora*: NURC abrangendo 05 cidades e análises em tempo aparente e tempo real; e o PORCUFORT, com apenas 01 cidade e em tempo aparente. Com exceção da pesquisa de Callou e Avelar (2000), com uma análise em tempo real, as pesquisas da literatura da área apresentam frequências de *haver* superiores a 19%. Uma frequência consideravelmente alta para *haver* nos estudos dos verbos existenciais, como vimos nos estudos de Dutra (2000) e Berlinck *et al.* (2015).

Isso posto, desses estudos, o último se trata da análise proposta por nós que está em paralelo com várias outras análises dos demais outros trabalhos, e isto nos mostra que, em nossos dados de EF, as frequências encontradas de *haver* são inferiores aos percentuais encontrados em Dutra (2000), quando também analisa dados apenas de EF, que nos mostra a amostra de EF do NURC-SSA muito mais conservadora que a nossa; assim como os dados de Berlinck *et al.* (2015) que, mesmo com pouquíssimos inquéritos, obteve uma frequência nos EF de 59%, embora com 01 inquérito por localidade do banco de dados do NURC.

Esse paralelo vem apresentar a relevância do monitoramento estilístico como fator de alto favorecimento para variantes padrão, como é o caso de *haver*, que é considerado verbo existencial por excelência na gramática normativa. Embora saibamos que *haver* vem, ao longo dos séculos, sendo substituído por *ter* em diversos falares e graus de monitoramento, nas elocuições formais, *haver existencial*, em nossos dados, embora embasados numa pequena amostra (apenas 15 informantes), indicam ter seu lugar de predileção.

No trato estatístico, tivemos de excluir 02 nocautes para dar prosseguimento à análise: na variável Presença de elementos à esquerda do verbo, 01 nocaute no fator pronome; e, no grupo presença de modalizador, 01 nocaute no fator modalizador *dever*, ambos os nocautes com dados apenas para *ter*. Além dos nocautes, o fator futuro do presente do indicativo, da variável Tempo e modo verbal, não apresentou ocorrências.

Com a exclusão dos nocautes supracitados, a análise de *haver* e *ter* passou de 523 dados para 518, uma redução de 05 dados do verbo *ter*. Prosseguimos, com a rodada binária no Goldvarb X⁹, que selecionou como variáveis relevantes, para a aplicação de *haver*, os seguintes grupos de fatores, em ordem de relevância: Concordância entre o verbo e o SN; Sexo; Faixa etária; Tempo e modo verbal e Presença de elementos à esquerda do verbo; e como irrelevantes, os grupos: Peso do SN; Posição do SN; Presença de modalizador; Traço semântico do SN e Repetição do verbo no mesmo enunciado respectivamente, nesta ordem.

Vejamos a seguir, os resultados da rodada¹⁰ realizada para cada variável selecionada como favorecedora de *haver* nas elocuições formais. Sendo que apresentaremos, primeiramente, as variáveis linguísticas e, em segundo, as variáveis extralinguísticas por sequência de relevância para a variação, ordem dada pelo programa estatístico.

⁹ O Goldvarb X selecionou a seguinte análise para *haver* e *ter*: Run # 37, Convergence at Iteration 8, Input de 0,337, significância de 0.008 e Log likelihood de -252.875.

¹⁰ Os melhores resultados apresentados pelo Goldvarb X, para esta análise, foram do Run # 37, com a Convergence at Iteration 8, que nos deu um Input de 0,337, com significância de 0.008 e Log likelihood de -252.875.

Como primeira variável linguística para o estudo das elocuições formais no PORCUFORT Fase I, apresentamos, na Tabela 2, a variável Concordância entre o verbo e o SN, também muito relevante em nossos dados, pois como já exposto, é uma variável com estreita ligação aos verbos: o número.

Tabela 2. Atuação da variável concordância entre o verbo e o SN sobre o verbo *haver*.

FATORES	Aplic./total	Percentual	P.R.
Verbo singular → SN plural	32/34	94,1%	0,956
Verbo singular → SN singular	155/455	34,1%	0,462
Verbo plural → SN plural	5/29	17,2%	0,233

Nota. *Input* = 0.337; *Significance* = 0.008; PR = peso relativo. Valores > 0,5 estão em negrito.

Novamente, nossas hipóteses são confirmadas e nossas análises constantemente evidenciadas, como nos mostra a Tabela 2. A partir de dados de fala altamente monitorada, a Concordância entre o verbo e o SN foi aliada de *haver* com os seguintes fatores: *verbo singular* → *SN plural* (0,956). O verbo *ter* é muito privilegiado pelos fatores *verbo singular* → *SN singular* (0,538) e *verbo plural* → *SN plural* (0,767). Esses dados são semelhantes aos de Dutra (2000), Viana e Araújo (2020) e Araújo *et al.* (2019) para as variantes em estudo.

A concordância realizada com os verbos existenciais é influenciada por apenas um deles: *haver*. É sabido que a concordância de *haver* enquanto existencial é impessoal, o que vem a levar alguns falantes da língua a também conjugarem os demais verbos sem a concordância de número; além de o contrário também ser visto: levando em consideração o verbo *ter*, enquanto existencial também deva ser impessoal, seu sentido de posse faz o verbo concordar com o SN, assim, podemos verificar confusões entre os falantes do português brasileiro, na busca da conjugação correta. Esse fenômeno já é conhecido de linguistas, como Bortoni-Ricardo (2004): a hipercorreção.

Chamamos de hipercorreção, a alta busca pelo uso correto, como se fosse uma correção acima da correção. Calvet (2002, p. 78) nos apresenta a hipercorreção como uma “restituição exagerada das formas linguísticas prestigiosas”. Para Bortoni-Ricardo (2004, p. 28), é “o fenômeno que decorre de uma hipótese errada que o falante realiza num esforço para ajustar-se à norma-padrão. Ao tentar ajustar-se à norma, acaba por cometer erro”. Entre todos os nossos dados, encontramos os excertos 3 e 4 com o verbo *haver* que nos faz acreditar tratar-se de casos claros de hipercorreção¹¹, nos quais o verbo impessoal *haver* está no plural com SN plural.

- (3) o maior representante e o maior representante do Naturalismo é o Aluísio de Azevedo... houveram Outros... [verbo plural → SN plural] (PORCUFORT, EF, 36)
- (4) os moviMENtos popuLAres... constrangeram... até as For-ças ArMAdas... chegando ao PONto que dentro dos próprios... quartéis... haverem grupos... CONtra... atitudes... DE... oficiais... [verbo plural → SN plural] (PORCUFORT, EF, 36)

¹¹ Apesar de estarmos analisando uma amostra de fala culta, cremos que os excertos 3 e 4 representem casos de hipercorreção, e não de analogia.

Em nossos dados, encontramos apenas 5 ocorrências desse tipo para o verbo *haver* (17,2%), mas esse fato nos chamou a atenção por tratar-se de ocorrências oriundas de pessoas em momentos de grande atenção à fala, ou seja, em busca da melhor performance linguística, gerando, assim, a hipercorreção.

Uma das variáveis, frequentemente, observada em estudos dos verbos existenciais é o Tempo e modo verbal, por ser uma das variáveis linguísticas que mais aparece como relevante em grande parte das pesquisas variacionistas sobre os verbos existenciais, até porque, quando tratamos com verbos, temos de tratar com o tempo e modo.

Notemos, na Tabela 3, as conclusões a que chegamos com a ajuda do programa estatístico.

Tabela 3. Atuação da variável tempo e modo verbal sobre o verbo *haver*.

FATORES	Aplic./total	Percentual	P.R.
pretérito perfeito do indicativo	24/40	60%	0,840
pretérito imperfeito do indicativo	22/48	45,8%	0,676
pretérito imperfeito do subjuntivo	7/13	53,8%	0,626
presente do subjuntivo	2/5	40%	0,560
formas nominais	27/59	45,8%	<u>0,527</u>
presente do indicativo	108/345	31,3%	0,424
futuro do subjuntivo	1/4	25%	0,226
futuro do pretérito do indicativo	1/4	25%	0,182
futuro do presente do indicativo	sem ocorrências		

Nota. *Input* = 0.337; *Significance* = 0.008; PR = peso relativo. Valores > 0,5 estão em negrito; Valores entre 0,5 e 0,53 estão em sublinhado.

Os dados trazidos pela Tabela 3 apresentam como tempos verbais favorecedores de *haver*, o pretérito perfeito do indicativo (0,840), o pretérito imperfeito do indicativo (0,676), o pretérito imperfeito do subjuntivo (0,626), o presente do subjuntivo (0,560) e as *formas nominais* (0,527); e como tempos verbais aliados de *ter*, o Goldvarb X nos indica o presente do indicativo (0,576), o futuro do subjuntivo (0,774) e o futuro do pretérito do indicativo (0,818) como altamente favorecedores. Resultados esperados por nós, especialmente quando confirmamos nestes dados a nossa segunda hipótese: o benefício de *ter* pelo presente do indicativo; além disso, visualizamos, novamente (Viana & Araújo 2020), a preferência do modo subjuntivo por *ter existencial*.

No trabalho de Dutra (2000), quando analisa apenas os EF, o verbo *haver* se sobressai em todos os modos e tempos verbais, sendo bastante expressivo no futuro do presente (87,5%), no pretérito perfeito do indicativo (83,3%), no infinitivo (83,3%) e no pretérito imperfeito do indicativo (73,5%), corroborando nossos resultados, assim como a pesquisa de Araújo *et al.* (2019) e Viana e Araújo (2020), com exceção para os fatores pretérito perfeito do indicativo, que se mostrou aliado de *ter*, no primeiro estudo, e o presente do subjuntivo, no segundo estudo.

Verificamos, então, que os tempos verbais pretérito perfeito do indicativo, pretérito imperfeito do indicativo e pretérito imperfeito do subjuntivo surgem para *haver* como fatores especialistas no verbo em pauta, enquanto que, nas pesquisas relacionadas, os fatores futuro do pretérito do indicativo e presente do indicativo lhes são desfavorecedores.

Abaixo, seguem excertos para ilustrar esses fatores aliados de *haver*.

- (5) quer dizer *houve* aquela FASE na segunda metade do século dezenove em que surgiram as idéias evolucionista de Darwin Spencer né?... [pretérito perfeito do indicativo] (PORCUFORT, EF, 03)
- (6) ou seja... se *havia* na posição de sujeito você vai ter... um agente... ou um ator com/ ele chama... né? [pretérito imperfeito do indicativo] (PORCUFORT, EF, 18)
- (7) e o passar da história fez com que realmente é *houvesse* uma centralização do poder um autoritarismo né? [pretérito imperfeito do subjuntivo] (PORCUFORT, EF, 18)
- (8) e eu agradeço essas palavra generosa embora:... *haja* um pouco de gozação aí no meio da estória porque eu sabia que ele ia falar nesse soneto... [presente do subjuntivo] (PORCUFORT, EF, 03)
- (9) tinha que *haver* a precisão e a perfeiÇÃO... enTÃO... a esTÉTica a esTRUTUra da poesia... [formas nominais] (PORCUFORT, EF, 36)

Dessa maneira, o Tempo e modo verbal se destaca nos dados por estar diretamente ligado ao fenômeno linguístico (variação morfossintática/verbos).

A terceira variável que apresentaremos, Presença de elementos à esquerda do verbo, foi a última variável linguística relevante nesta análise. Vejamos a Tabela 4, com os resultados encontrados.

Tabela 4. Atuação da variável Presença de elementos à esquerda do verbo sobre o verbo *haver*.

FATORES	Aplic./total	Percentual	P.R.
preposição	3/5	60%	0,742
conjunção	42/101	41,6%	0,562
advérbio	24/60	40%	0,547
ausência	105/267	39,3%	0,540
negação	18/85	21,2%	0,267
pronome	0/1	Nocaute	

Nota. Input = 0.337; Significance = 0.008; PR = peso relativo. Valores > 0,5 estão em negrito.

A variável Presença de elementos à esquerda do verbo, como pudemos visualizar na Tabela 4, é favorecedora de *haver* com os seguintes fatores: preposição (0,742), conjunção (0,562), advérbio (0,547) e a ausência (0,540); para *ter*, apenas o fator *negação* (0,733) foi seu aliado.

Destacamos, ainda, que o nocaute encontrado na análise, no fator pronome, foi gerado pelo fato de o verbo *haver existencial* ser impessoal, assim não houve qualquer ocorrência de *haver* com pronome a sua esquerda em nossos dados.

Vejamos excertos desses fatores aliados de *haver* e *ter* em nossa amostra.

- (10) as relações (próprias) são (do mundo) capitalista então para QUE para *haver* esse processo de muDANça [fator preposição] (PORCUFORT, EF, 25)

- (11) pra você entender você tem que ver que *HOU*ve um desenvolvi-mento... nós tivemos... a sociedade escravoCRAta... [fator conjunção] (PORCUFORT, EF, 17)
- (12) e queriam busCAR as inovações que já estavam... já já *havia-se* os rumores que vinha da FRANça... [fator advérbio] (PORCUFORT, EF, 36)
- (13) com a Rússia... E... onde há CRise... internacioNAL... ø *HÁ*... reflexo dentro da economia na-cional... [fator ausência] (PORCUFORT, EF, 17)
- (14) eh não acertou no resto dos elogios todos aí realmente num *tem*... muito... fundamento ((ruído)) num era num sou nem metade do que ele disse [fator negação] (PORCUFORT, EF, 03)

Essa variável não esteve presente nos estudos de Berlinck *et al.* (2015) ou de Dutra (2000), mas Ribeiro *et al.* (2013) verificaram a presença versus ausência de advérbio de negação e viram que todas as três variantes analisadas pelas autoras (*ter*, *haver*, *existir*) apresentaram maiores frequências de ausência de elementos. Já Vitório (2013) encontrou 85% de preenchedores à esquerda do verbo (dados das quatro variantes estudadas pela autora (*ter*, *ter pessoal*, *haver*, *existir*) sendo, destes, 23% de negação e 20% de determinadores frasais. Souza *et al.* (2020) consideraram a mesma variável, mas esta não se mostrou relevante para sua análise.

Como dissemos anteriormente, os informantes que compõem nossa amostra são pessoas em exercício da docência, sendo que quase metade deles são professores licenciados em Letras, ou seja, professores de língua portuguesa; somando-se a esse fato, os demais indivíduos, mesmo não sendo professores de língua, encontram-se em um momento no qual estão ministrando aulas ou palestras. Lembrando Travaglia (2003), esses falantes devem procurar em sua fala, as normas do bem falar, assim como devem, também, dar muito valor à boa escrita e à norma padrão. Portanto, o uso da *correta* ordem frasal, nos faz acreditar ser um dos motivos para o grande favorecimento de elementos à esquerda dos verbos existenciais, nesta amostra.

Dessa maneira, visualizamos o fenômeno para além do monitoramento estilístico, pois os informantes estão treinando pessoas, ou seja, estes falantes procuram elevar mais ainda o nível de monitoramento estilístico e, conseqüentemente, o uso das normas de prestígio e normas padrão, apresentando um estilo de fala mais rebuscado em função do momento da fala: a sala de aula.

A seguir, a variável *sexo*, penúltima a ser apresentada neste trabalho e trazida pela Tabela 5, a seguir.

Tabela 5. Atuação da variável sexo sobre o verbo *haver*.

FATORES	Aplic./total	Percentual	P.R.
feminino	83/135	61,5%	0,781
masculino	109/383	28,5%	0,390

Nota. Input = 0.337; Significance = 0.008; PR = peso relativo. Valores > 0,5 estão em negrito.

Observando a Tabela 5, o fator sexo feminino (0,781) vem como beneficiador de *haver*, dados esperados em nossas hipóteses, onde o verbo *haver* seria beneficiado pelas mulheres, enquanto *ter* (0,610) é beneficiado pelo sexo masculino, também corroborado em nossa hipótese para esta variável. Sobre o sexo, Dutra (2000) alcançou frequências do sexo feminino superiores para *ter* (70%), enquanto o sexo masculino obteve maior frequências de *haver* (48%), assim, nossa pesquisa vai ao encontro dos resultados da autora, mesmo avaliando apenas as frequências.

Em resumo, constatamos que as mulheres são aliadas da variante padrão neste e nos estudos por nós elencados (Dutra 2000; Viana & Araújo 2020). Essa preferência é ratificada na fala de Chambers e Trudgill (1980), quando nos dizem que as mulheres são mais sensíveis que os homens, no uso das formas prestigiosas, sendo constatado, principalmente, em momentos de fala altamente monitorados, como é o caso dos dados por nós analisados.

A última variável de nosso estudo, a faixa etária é apresentada na Tabela 6.

Tabela 6. Atuação da variável faixa etária sobre o verbo *haver*

FATORES	Aplic./total	Percentual	P.R.
Faixa etária 3	75/149	50,3%	0,747
Faixa etária 1	80/179	44,7%	<u>0,515</u>
Faixa etária 2	37/190	19,5%	0,289

Nota. Input = 0.337; Significance = 0.008; PR = peso relativo. Valores > 0,5 estão em negrito; Valores entre 0,5 e 0,53 estão em sublinhado.

Como visto nos resultados da Tabela 6, um fator nos chamou atenção: a faixa etária I surge como aliada de *haver* mesmo com um PR pouco acima da neutralidade: 0,515. É possível atribuímos esse resultado ao fato de os informantes mais jovens utilizarem-se da língua para inserção e reconhecimento no mercado de trabalho, assim como, a tentativa de preservação de sua imagem, em maior frequência que os adultos da *faixa II* (desfavorecedora de *haver* (0,289) e aliados de *ter* (0,711)), que são indivíduos já estáveis no mercado de trabalho.

Em síntese, a faixa etária III, mesmo apresentando apenas uma única informante, contra três do sexo masculino, e a faixa etária I surgem, ambas, como aliadas de *haver*, contudo, mesmo a faixa I, sendo favorecedora de *haver*, apresenta PR inferior ao da faixa etária III, ou seja, a última faixa é mais favorecedora do verbo de aplicação que a primeira faixa. Vejamos, nos Gráficos 7 e 8, a possibilidade de mudança linguística entre *haver* e *ter* nas elocuições formais do PORCUFORT Fase I.

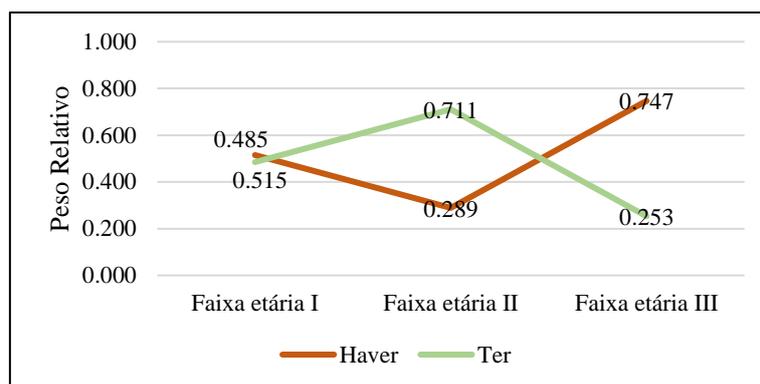


Gráfico 3. Pesos relativos em função da faixa etária entre as variantes *haver* e *ter*.

Na análise entre *haver* e *ter*, Gráfico 3, os dados sugerem uma *variação estável*, que deve ser motivada, acreditamos, pela variação estilística. A variante inovadora *ter* não destaca mudança linguística, pois, como preconiza a teoria da variação e mudança linguística, seria necessário o favorecimento da faixa etária I seguido de também favorecimento, em menor intensidade, da faixa etária II, para que possamos visualizar a mudança nas próximas gerações de falantes da comunidade em análise.

Finalizamos, portanto, a análise entre os verbos existenciais *haver* e *ter* com dados de fala retirados dos tipos de inquérito EF do banco de dados PORCUFORT fase I. A seguir, apresentamos nossas conclusões finais acerca do fenômeno estudado.

6. Considerações Finais

Procuramos desenvolver uma descrição detalhada da variação entre os verbos existenciais *haver* e *ter* em dados de elocução formal do PORCUFORT Fase I. Sabemos que poderíamos ter produzido uma análise mais minuciosa, com mais variáveis, mas correríamos o risco de nos estendermos demasiado e cansar o leitor. Dessa maneira, apresentamos as variáveis consideradas estatisticamente relevantes para a variação em tela, contendo os resultados da análise binária.

Dessa maneira, os resultados por nós encontrados seguem ao encontro das tendências já descritas em pesquisas prévias no PB e em nossas hipóteses iniciais para este estudo, que foram: (i) a ocorrência geral seria maior para o verbo *ter*, hipótese confirmada; (ii) os tempos do presente favoreceriam *ter*, enquanto que os tempos do passado beneficiariam *haver*; também confirmada; (iii) que a presença de elementos à esquerda do verbo favoreceria *haver*; hipótese também confirmada; (iv) a presença de modalizador seria aliado de *ter*; hipótese que não foi confirmada ou refutada, pois o Goldvarb X não selecionou esta variável como relevante para a análise; (v) o sexo masculino seria aliado de *ter*, enquanto que o feminino favoreceria *haver*; hipótese confirmada; (vi) que o fator concordância V singular → SN plural beneficiaria *haver*; hipótese também confirmada; (vii) que o SN posposto também fosse aliado de *haver*; hipótese que não foi confirmada ou refutada, pois a variável não foi relevante para a análise; e, (viii) que entre *haver* e *ter* mostraria indícios de um processo de mudança linguística, onde *ter* suplante *haver*, hipótese refutada, pois a variação em pauta é um caso de variação estável.

Podemos sintetizar mais ainda nossos resultados, dizendo que a não concordância do verbo e o número do SN, os tempos do passado, a presença de elementos à esquerda do verbo, o sexo feminino e as faixas etárias I e III são favorecedoras do verbo *haver existencial* em variação com *ter existencial*, nos dados de elocução formal no PORCUFORT Fase I.

Fica, para uma outra oportunidade, um maior detalhamento de variáveis linguísticas na análise dos verbos existenciais, pois notamos que o fenômeno em variação é altamente favorecido por estas. Além disso, propomos, para pesquisas futuras, a realização de uma análise com dados de *corpora* de fala culta mais recente, na qual se possa mostrar o futuro promissor dessa variação, já com indícios de mudança tanto em Fortaleza-CE, como em outros falares do PB.

Agradecimentos: Agradecemos à Fundação Cearense de Apoio ao desenvolvimento Científico e Tecnológico – FUNCAP, pela bolsa concedida para realização desta pesquisa e à Secretaria de Educação do Ceará – SEDUC-CE pela concessão de licença para estudos de mestrado e doutorado.

Referências

- Araújo, A. (2000). A monotongação da norma culta de Fortaleza (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza).
- Araújo, A., Viana, R., & Pereira, M. (2018). O projeto Descrição do Português Oral Culto de Fortaleza-PORCUFORT: Das origens aos dias atuais. *Web-Revista Sociodialeto*, 8, 174–198.
- Araújo, A., Viana, R., & Pereira, M. (2019). A variação dos verbos existenciais haver e ter em amostra do falar culta de Fortaleza-CE. *Confluência*, 1(56), 250–275. <https://doi.org/10.18364/Rc.V1i56.260>
- Bagno, M. (2011). *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Barbosa, J. (1822). *Grammatica Philosophica da Lingua Portuguesa*. (1.^a ed.). Lisboa: Typographia Academia das Sciencias.
- Batista, P. (2012). *Ter e haver existenciais na fala culta do Rio de Janeiro, Salvador e Porto Alegre: Do social ao linguístico*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro).
- Bechara, E. (2009). *Moderna gramática portuguesa* (37.^a ed.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Berlinck, R., Duarte, M., & Oliveira, M. (2015). Predicação. In M. Kato & M. Nascimento (Eds.), *Gramática do português culto falado no Brasil – A construção da sentença* (Vol. 3, pp. 81–150). São Paulo: Contexto.
- Bortoni-Ricardo, S. (2004). *Educação em língua materna: A sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Callou, D., & Avelar, J. (2000). Sobre ter e haver em construções existenciais: Variação e mudança no português do Brasil. *Revista Gragoatá*, 9, 85–100. Disponível em https://www.academia.edu/15828109/Sobre_TER_e_HAVER_em_constru%C3%A7%C3%B5es_existenciais_varia%C3%A7%C3%A3o_e_mudan%C3%A7a_no_Portugu%C3%AAs_do_Brasil
- Calvet, L. (2002). *Sociolinguística: Uma introdução crítica*. (M. Marciolino, Trad.). São Paulo: Parábola Editorial.
- Cesário, M., & Votre, S. (2001). Sociolinguística. In M. E. Martelotta (Org.), *Manual de linguística* (pp. 141–155). São Paulo: Contexto.
- Chambers, J., & Trudgill, P. (1980). *Dialectology* (2.^a ed.). New York: Cambridge University Press.

- Cunha, C., & Cintra, L. (2010). *Nova gramática do português contemporâneo* (5.^a ed.). Rio de Janeiro: Lexikon.
- Dutra, C. (2000). *Ter e haver na norma culta de Salvador*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Bahia, Salvador).
- Guy, G., & Zilles, A. (2007). *Sociolinguística quantitativa: Instrumental de análise*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Kato, M., & Nascimento, M. (2015). Apresentação. In M. Kato & M. Nascimento (Eds.), *Gramática do português culto falado no Brasil – A construção da sentença* (pp. 11–18). São Paulo: Contexto.
- Labov, W. (1982). Building on empirical foundations. In W. Lehmann & Y. Malkiel (Eds.), *Perspectives on historical linguistics* (pp. 17–82). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- Labov, W. (2008). *Padrões sociolinguísticos* (M. Bagno & M. Scherre, Trans.). São Paulo: Parábola.
- Martins, L., & Callou, D. (2003). Mudança em tempo aparente e em tempo real: Construções ter/haver existenciais. In *Anais do 5.º encontro do Círculo de Estudos Linguísticos do Sul* (pp. 820–825). Curitiba: Celsul.
- Oliveira, C. (2014). A variação entre ter e haver em construções existenciais na fala e na escrita da variedade riopretense. (Dissertação de mestrado, Universidade Estadual Paulista, São Paulo).
- Oliveira, J. (2017). *Variação dos verbos ter e haver em sentenças existenciais no Sertão Alagoano*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Alagoas, Maceió).
- Perini, M. (2013). *Gramática do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial.
- Ribeiro, P., Soares, M., & Lacerda, P. (2013). A realização da noção de existência no “Mineirês”: Um estudo da variação dos verbos ter, haver e existir. *Signótica*, 25(2), 535–561. <https://doi.org/10.5216/sig.v25i2.19192>
- Sankoff, D., Tagliamonte, S., & Smith, E. (2005). *Goldvarb X: A variable rule application for Macintosh and Windows*. University of Toronto. Consultado em http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb/gv_index.htm#ref
- Scherre, M. (1993). *Introdução ao pacote Varbrul para microcomputadores* (Mimeo). Brasília: UnB.
- Silva, R. (2001). *Variação ter/haver na fala pessoense*. (Dissertação de mestrado, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa).
- Souza, F., Araújo, A., & Pereira, M. (2020). Um estudo sociolinguístico acerca da variação nos verbos existenciais ter/haver/existir em amostra de linguagem falada em Fortaleza-CE. In A. Souza, C. Cardoso, M. Pereira & M. de Lima (Eds.), *Linguística, literatura e educação: Teorias, práticas e ensino* (pp. 32–48). João Pessoa: Ideia.
- Tagliamonte, S. (2006). *Analysing sociolinguistic variation*. Nova York: Cambridge University Press.
- Tarallo, F. (1990). *A pesquisa sociolinguística*. São Paulo: Ática.
- Travaglia, L. (2003). *Gramática e Interação: uma proposta para o ensino de gramática*. São Paulo: Cortez.
- Viana, R. (2020). Tem mais existir que haver no falar dos fortalezenses: O papel dos fatores sociais na variação dos verbos existenciais. In A. Araújo, R. Viana, & M. L. de S. Pereira (Eds.), *Fotografias sociolinguísticas do falar de Fortaleza-CE* (2.^a ed., pp. 76–99). Ceará: Eduece.
- Viana, R., & Araújo, A. (2019). Uma fotografia variacionista dos verbos existir e ter em dados do PORCUFORT. *Entrepalavras*, 9(2), 256–277. <https://doi.org/10.22168/2237-6321-21456>
- Viana, R., & Araújo, A. (2020). Os verbos haver e ter existenciais em dados de fala culta fortalezense – Uma análise variacionista. *Diálogos Pertinentes*, 16(1), 166–194. <https://doi.org/10.26843/dp.v16i1.3601>
- Vitório, E. (2012). *Ter/Haver existenciais na fala alagoana: Variação estável ou mudança em progresso?* (Tese de doutorado, Universidade Federal de Alagoas, Maceió). Consultado em <http://www.repositorio.ufal.br/handle/riufal/2441>

- Vitório, E. (2013). As construções existenciais na fala e na escrita. *Diadorim*, 14, 53–76. <https://doi.org/10.35520/diadorim.2013.v14n0a4058>
- Weinreich, U., Labov, W., & Herzog, M. (2008). *Fundamentos empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística* (M. Bagno, Trad.). São Paulo: Parábola Editorial.

[recebido em 28 de setembro de 2020 e aceite para publicação em 26 de março de 2021]